Série ACADÊMICA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA
LUCIANA MARINO DO NASCIMENTO
Organizadores

Textos da Memória
A Memória dos Textos

Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão

LETRCAPITAL

TEXTOS DA MEMÓRIA
A MEMÓRIA DOS TEXTOS

(Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão)

CONSELHO EDITORIAL

Série Letra Capital Acadêmica

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

João Medeiros Filho (UCL)

Maria Luíza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alvez dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Robert Segal (UFRJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

William Batista (Bennet-RJ)

Homenagem a Ângela Tonelli Vaz Leão

JOSÉ PEREIRA DA SILVA
LUCIANA MARINO DO NASCIMENTO
(Organizadores)

TEXTOS DA MEMÓRIA
A MEMÓRIA DOS TEXTOS

(Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão)

LETRACAPITAL
Rio de Janeiro, 2015

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

0. Cronologia acadêmica de Ângela Tonelli Vaz Leão 9

1. "A história das palavras": sertanejo e outros -(n)ejos..... 30
– *Carlos Alexandre Gonçalves* e *Dedilene Alves de Jesus*

2. A interface sintaxe-semântica no processo de mudança linguística no português brasileiro..... 41
– *Angela Marina Bravin dos Santos*

3. A linguagem como construção de identidade: a égide do processo comunicativo nas relações linguísticas entre falantes..... 55
– *Luis Fernando Ribeiro Almeida*

4. A memória, a gênese e o texto em *Nhô Guimarães*, de Aleilton Fonseca 63
– *Adna Evangelista Couto dos Santos*

5. A narrativa oral como proposta metodológica no estudo da motivação toponímica em comunidades tradicionais do sul do Amazonas 74
– *Ana Paula Teixeira Gouveia* e *Alexandre Melo de Sousa*

6. A poética intertextual em *Lavoura Arcaica* e seus efeitos de sentido 81
– *Beatriz Pazini Ferreira*

7. A realização variável das vogais médias pretônicas em documentos do Rio Grande do Sul do século XIX..... 91
– *Tatiana Keller* e *Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa*

8. A rima como criação medieval – comentários linguísticos 100
– *Álvaro Alfredo Bragança Júnior*

9. A sílaba em português: adaptação fonotática por epêntese vocálica..... 113
– *Bismarck Zanco de Moura*

"*A HISTÓRIA DAS PALAVRAS*": SERTANEJO E OUTROS -(N)EJOS

Carlos Alexandre Gonçalves[3]
Dedilene Alves de Jesus[4]

1. Introdução

Brincando com o título do livro da homenageada, *A História das Palavras*, recentemente reeditado pela PUC-Minas mais de cinquenta anos depois (a primeira edição é de 1961, pela UFMG), pretendemos, neste texto, mostrar que a formação "sertanejo", utilizada primeiramente em referência ao que é próprio do sertão, vem servindo à criação de uma série de palavras por meio de uma reanálise morfológica em que a sequência *-nejo* passa a constituir formativo. Para tanto, abordamos os mecanismos envolvidos no processo de formação de *splinters* (BAUER, 2005), não sem antes ressaltar a etimologia da palavra, seus usos e seus desdobramentos.

2. De sertanejos, vilarejos e outros -ejos

Do ponto de vista estrutural, a palavra "sertanejo", datada do século XVII, por A. G. Cunha (1982, p. 718), é constituída do radical sertan- – forma de base em que a nasal alveolar constitui representação subjacente do ditongo -ão – e do sufixo -ejo. O termo "sertanejo" possui as seguintes definições de dicionário:

> Do sertão; que vive no sertão. 2. Rústico. s.m. 3. Indivíduo do sertão; caipira. (*Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa*)

> 1. Relativo a ou próprio do sertão. 2. Que é rústico, rude, silvestre. adj. s. m. 3. Que ou o que vive no sertão. 4. [Brasil, Depreciativo] Que ou quem, por morar no campo, é considerado rústico, simples ou ignorante. = CAIPIRA (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*)

[3] Carlos Alexandre Gonçalves – Professor associado IV da UFRJ, doutor em linguística e pesquisador 1D do CNPq. E-mail: carlexandre@bol.com.br.

[4] Dedilene Alves de Jesus – Professora substituta da UFJF, doutoranda em letras vernáculas pela UFRJ e bolsista do CNPq. E-mail: dedilene@yahoo.com.br

> 1. relativo ao, originário ou próprio do sertão. 2. que se situa no interior, que está longe da costa. 3. não cultivado; rude, rústico / n. adjetivo e substantivo masculino. 4. que ou aquele que habita o sertão. 5. que ou aquele que vive nas aldeias, no campo, nas regiões interiores, em especial, os de pouca instrução e de convívio e hábitos rústicos; caipira. (*Dicionário Eletrônico Houaiss*)

Pelas definições, observa-se que a palavra é predominantemente usada em referência a *habitante, morador, caipira, rústico, aldeão*. No entanto, apesar de constituída do sufixo *-ejo*, a palavra de modo alguma constitui diminutivo, pois se popularizou com sentido relacional (referente a) e gentílico (nascido em).

O dicionário Houaiss (2009) traz a seguinte definição para o sufixo *-ejo*:

> Ocorre como dim. em, p. ex.: abadejo, animalejo, fortalejo, lugarejo, lunarejo, papelejo, quintalejo, salmonejo, vilarejo, zagalejo; *raras vezes com função adj., na form. de gentílicos* (castrejo) e, como term., na form. de subst. regr. de verbos em -ejar (pestanejo, trovejo) (grifo nosso)

Nas gramáticas, a forma *-ejo* sempre consta da lista de sufixos diminutivos. Bechara (2004, p. 362), por exemplo, interpreta "lugarejo" e "animalejo" como formações diminutivas; Said Ali (1964, p. 108), por sua vez, inclui na lista de diminutivos X-ejo formações como "realejo" e "vilarejo". Depreende-se, das descrições e dos dados, que (1) *-ejo* está longe de ser um sufixo produtivo na língua, (2) as poucas construções existentes se especializaram semanticamente, adquirindo novos usos e significados, (3) poucas são as formas em *-ejo* realmente em uso na língua.

Ao abordar a palavra "sertanejo", Rocha (1998, p. 121) considera *-ejo* um sufixoide, assim se pronunciando quanto ao termo técnico: "esses pseudo-sufixos – que denominaremos sufixoides – são sequências fônicas não-recorrentes, que se colocam à direita de bases livres, **conferindo ao produto um sentido exclusivo, específico**" (negrito nosso). Seria, então, um caso de *hápax legómenon* (GONÇALVES, 2011), uma vez que não existiria outra formação com *-ejo* ativando a mesma significação que em "sertanejo".

Nos dias de hoje, são muito comuns formações em *-nejo*, a exemplo de "forronejo", "loiraneja" e "sextaneja". O que há de comuns entre elas, além da sequência final, que de modo algum corres-

ponde a um sufixo? Por que palavras como "breganejo" e "forronejo" têm se popularizado tanto no Brasil? Entendendo que a proeminência no uso de *-nejo* como partícula formadora de novas palavras precisa ser analisada, pretendemos, a seguir, compreender que tipos de processos funcionam nos bastidores dessa inovação. Com esse propósito, analisamos, nas próximas seções, (a) o comportamento semântico-morfológico das formações X-*nejo*, verificando se as acepções correspondem à mesma extensão de significado; e (b) as relações de herança evocadas por tais construções, nos termos de Goldberg (1995), Booij (2010) e Gonçalves & Almeida (2014).

3. Sobre a estrutura morfológica das formações X-nejo

A mudança de *-ejo* para *-nejo* pode ser explicada através da noção de *splinter* – produto do encurtamento de palavras por meio de *blendings*[5]. Bauer (2005, p. 105) assim se posiciona em relação aos *splinters*: "*por* splinter *entendo um fragmento de palavra usado* ***repetidamente*** *na formação de novas palavras*" (negrito nosso). Ao afirmar que *splinters* surgem do processo de *blending*, Bauer (*op. cit*., p. 105) ressalta que o emprego que faz do termo "*é uma pequena extensão do uso encontrado em Adams* (1973, p. 142)". A "pequena extensão" a que o autor se refere é a recorrência de tais partículas. Por isso mesmo, em Bauer (2005), *splinter* deixa de ser concebido apenas como uma porção aleatória de palavras para ser interpretado como uma categoria morfológica com estatuto parecido ao dos afixos, já que *splinters* são agora encarados como entidades que podem levar à criação de novos formativos. Essa ideia aparece bem resumida na seguinte

[5] De acordo com Fandrich (2008), o termo *blending* (aqui empregado em referência ao processo) é metafórico, já que vem a ser utilizado em referência à mistura de partes consideradas aleatórias de palavras pré-existentes. Nesse sentido, as formas resultantes refletem, iconicamente, as palavras-matrizes. Em português, os *blends* (termo aqui empregado em referência aos produtos) são também denominados de "palavras-valise", "cruzamentos vocabulares" e "amálgamas", entre outras tantas denominações. Assim como fizemos para *splinter*, também o fazemos para os *blends*: usamos os termos técnicos originais em referência a formas complexas cujos constituintes não são morfemas plenos, mas partes de palavras, como em "crentino" ("crente" + "cretino" = "religioso falso"), "lixeratura" ("lixo" + "literatura" = "literatura de má qualidade") e "aborrescente" ("adolescente" + "aborrece" = "adolescente que aborrece").

definição que Bauer (2004, p. 77) faz para os *splinters* em seu *Glossary of Morphology*:

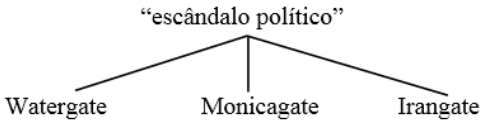
> *Splinter* é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra "alcoholic". Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em "alcohol" e -ic. Mas essa palavra foi reanalisada como alcoholic, e o novo *splinter* -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, reocorre em palavras como chocoholic, spendaholic e shopoholic.

Com o objetivo de diferenciar o *blending* de outros processos de formação de palavras, sobretudo a composição, Danks (2003) ressalta que a alta produtividade de um *splinter* pode fazer com essa entidade adquira estatuto de afixo e, nesse aspecto, também entende que nem todas as partes envolvidas em palavras provenientes do mecanismo de *blending* devem ser consideradas *splinters*. Posição semelhante é adotada por Chung (2009), que procura, como sugere o título do seu trabalho, "colocar os *blends* em seu devido lugar", distinguindo-os de formações com *splinters*. Lehrer (1998, p. 121) adota a mesma postura, ao afirmar que

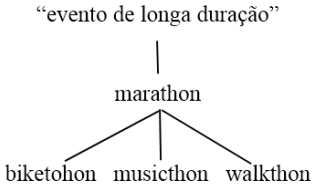
> Quando um *splinter* torna-se tão comum a ponto de as pessoas começarem a usá-lo frequentemente, pode perder sua conexão com a palavra-fonte e ser considerado como um morfema por direito próprio. Obviamente, uma vez que haja uma escala de *splinters* completamente originais para morfemas completamente convencionais, a transição de *splinter* para morfema principal independente é um processo diacrônico.

Segundo Gonçalves (2011), as relações entre os *splinters* e as palavras-matrizes podem ser agrupadas de acordo com o tipo de herança:

a**) Co-hiponímia** (WARREN, 1990) – a palavra-matriz está no mesmo nível das formadas por analogia, pois todas evocam o significado genérico especificado entre as aspas:



b) **Hiperonímia** (LEHRER, 1998) – o neologismo está um nível abaixo da palavra-matriz, pois sua significação é evocada a partir dessa palavra e não do significado genérico:



No caso do formativo *-nejo*, teríamos uma relação parecida com a co-hiponímia, uma vez que as construções "forronejo", "sextaneja", "pagonejo", "gauchonejo", dentre outras, veiculam a ideia do estilo musical sertanejo, estando associadas a essa significação genérica. O que precisamos verificar, agora, é o papel morfológico da partícula *-nejo*, uma vez que, como *splinter* formador de novas construções, apresenta diferenças em relação aos sufixos.

Em primeiro lugar, *-nejo* provém da fusão vocabular (*blending*), uma vez que surge da junção de gêneros musicais: a mistura entre o ritmo sertanejo e um outro qualquer. Como essa sequência constitui o pé nuclear da forma-matriz, facilmente evoca essa palavra, uma vez que, como vimos, *-ejo* não é produtivo e são poucas as formações de fato usuais com esse sufixo. Além disso, nenhuma delas é precedida da nasal, o que faz de *-nejo* um excelente encurtamento para "sertanejo", agora amplamente empregado em relação a um estilo musical popular no Brasil. Por metonímia, *-nejo* assume o significado "estilo musical do interior, caipira". É o mesmo fenômeno que ocorre em "mãedrasta", em que *-drasta* engloba o significado de "madrasta" e passa a funcionar como formativo em outras construções.

Devido à popularidade do ritmo e do estilo sertanejos, *-nejo* começa a participar de construções relacionadas à música ("forronejo", "pagonejo", "funknejo"), mas também a eventos em que esse tipo de gênero predomina ("sextaneja", "baladaneja", "mednejo") ou a pessoas que apreciam o estilo ("loiraneja", "paulistanejo"). Também

se adjunge a adjetivos, com caráter avaliativo ("chatonejo", "lindaneja", "breganeja", "putaneja")[6].

Como *-nejo* não é propriamente um sufixo, liga-se tanto a bases encurtadas ("pagonejo" > pago~~de~~ + nejo, "micanejo" > mica~~reta~~ + nejo, "pancanejo" > panca~~dão~~ + nejo) quanto a palavras completas (*forronejo* > forró + nejo, *sextanejo* > sexta + nejo, rocknejo > rock + nejo). O formativo também se adjunge a compostos, como em "rastapenejo" ((rasta + pé) + nejo).

Uma vez que apresenta semelhança com a composição, as formações com esse *splinter* podem ser coordenativas (*Forró Xote Nejo* > um forró que é mistura de xote e sertanejo). Em alguns casos, pode não haver concordância de gênero entre os constituintes. Em "quartanejo", por exemplo, o uso do masculino na segunda forma se justifica pela concordância com *evento*.

Quanto à posição da cabeça lexical, há casos em que ela ocorre tanto à direita quanto à esquerda:

(01) Serestaneja – "seresta com música sertaneja" (cabeça lexical à esquerda)

Folianeja – "folia com música sertaneja" (cabeça lexical à esquerda)

Quartaneja – "música sertaneja às quartas-feiras" (cabeça lexical à direita)

Chatonejo – "música sertaneja chata" (cabeça lexical à direita)

Podemos afirmar, portanto, que *-nejo* constitui partícula de natureza híbrida, apresentando características tanto de afixo quanto de radical. A fixidez na estrutura da palavra e o fato de ser uma forma presa nos levariam a categorizá-lo como sufixo. Por outro lado, a variabilidade na posição da cabeça e a natureza do elemento a que se adjunge nos levariam a outro resultado. Estamos, portanto, diante de um tipo morfológico diferente, um *splinter*, elemento a meio do caminho entre afixo e radical, como sugere Kastovsky (2009).

[6] Todas as formações aqui analisadas foram retiradas da *Internet* com o auxílio da ferramenta eletrônica Google. No total, temos 65 construções X-*nejo*.

4. Análise segundo o modelo construcional

A morfologia construcional surge no cenário dos estudos linguísticos como alternativa eficaz para análise de processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação[7]. Booij faz a seguinte apresentação da teoria:

> Na gramática de construções, a gramática das línguas naturais é vista como um inventário estruturado de construções, isto é, padrões de forma-significado, em vários níveis de abstração. Na morfologia construcional, nos focamos nas construções no nível da palavra, mas não só elas, como também construções frasais com propriedades de palavras. (BOOIJ, 2010, p. 03)

Palavras complexas são idiomas construcionais no nível da palavra, apresentando uma parte fixa e uma parte variável – no caso das construções em *-nejo(a)*, a parte fixa é o formativo e a variável são os nomes que se adjungem à esquerda. Esquemas construcionais, nos termos de Gonçalves & Almeida (2014, p. 165), "são padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente".

Um esquema construcional pode gerar subesquemas, que também podem se desdobrar em outros subesquemas, uma vez que são estruturas simbólicas que formalizam conceitos armazenados na memória, a partir da abstração de experiências do mundo em que generalizações são realizadas. Por causa dessa propriedade, Booij acrescenta a especificação semântica genérica aos esquemas.

Gonçalves e Almeida (2014, p. 178) discorrem sobre o aporte da gramática das construções, buscando uma conceituação para o termo *construção* que seja mais aproximada do nível da palavra. Assim, definem as construções como "interseções de níveis diferentes da língua organizadas hierarquicamente por meio de ligações por herança em uma espécie de rede ou teia".

---

[7] A morfologia construcional não trata somente desses casos; seu aporte inclui estudos sobre compostos e construções sintáticas e a distinção entre flexão e derivação.

As relações de herança, postuladas inicialmente por Goldberg (1995), podem ser especificadas abaixo:

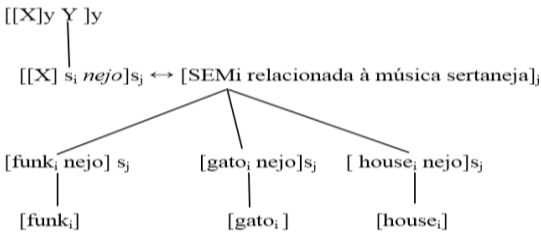
a) Herança por polissemia – refere-se à extensão de significado de uma construção para outra. É o caso do sufixo -*dor*, que forma agentes profissional ("zelador") e não-profissional ("fraudador"), instrumento ("gravador") e objeto ("pregador").

b) Herança por metáfora – refere-se a duas construções relacionadas por projeção interdominial. É o caso de "camisinha", "peça que protege partes do corpo em diferentes domínios" (GONÇALVES & ALMEIDA, 2014, p. 176).

c) Herança por subparte – ocorre quando uma construção é parte constituinte de outra, como em "homo", ressemantizada a partir de "homossexual", passando essa informação em "homofobia" e "homoafetivo", diferente do significado no nó mais alto – *igual, o mesmo*.

d) Herança por instanciação – ocorre quando uma construção apresenta grau de detalhamento maior, como em "batedeira" e "iogurteira", que possuem esquemas construcionais específicos em relação ao esquema básico – no primeiro, a base é verbal; no segundo, a base é substantiva.

A partir da noção de esquema construcional e relação de herança, Gonçalves & Almeida (2014, p. 187) propõem o seguinte esquema para o formativo -*nejo*[8]:



[8] Nesse esquema, base e produto são indexados pelo símbolo subscrito $_S$, que representa a classe dos substantivos. Os subscritos $_i$ e $_j$ indicam que tanto a base, representada pela variável x, quanto o produto fazem parte do léxico.

As construções são apresentadas como instanciação do esquema básico de sufixação – [[X]y Y]y, em que y é uma etiqueta lexical, X, uma forma livre e Y, uma forma presa à direita. A leitura feita para tal esquema é a de que SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte. Inicialmente, o esquema feito pode aparentar que se trata de uma relação de herança por polissemia, pois é o mesmo tipo de esquema utilizado para o sufixo *-dor* (GONÇALVES & ALMEIDA, 2014, p. 179).

Entendemos que o esquema apresentado corresponde às formas morfologicamente complexas analisadas construcionalmente neste trabalho, mas há necessidade de especificar a posição dos itens no esquema. Para isso, acrescentamos a noção de perspectivação conceptual (*construal*), postulada por Langacker (2008), que, nos termos de Silva & Batoréo (2010, p. 233), é "o modo e os modos alternativos de conceptualizar determinada situação". Na classificação do *construal*, há o processo de focalização, que nada mais é do que o acesso que fazemos, a partir de expressões linguísticas, do que é mais ou menos saliente em uma situação (*foreground x background*). A figura (*foreground*) relaciona-se ao que é altamente ativado na construção, enquanto o fundo (*background*) funcionaria como cenário, moldura.

No caso de algumas construções em *-nejo(a)*, o elemento à esquerda é altamente ativado semanticamente, ao mesmo tempo que o elemento à direita, o formativo, funciona como cenário (*frame*) para essa ativação:

(02) Terçanejo – "música sertaneja às terças-feiras"

Chatonejo – "música sertaneja chata"

Loiraneja – "loira adepta de música sertaneja"

Há outros casos em que há mesclagem conceptual[9], pois não sabemos qual item é mais ou menos saliente. No *corpus*, tal processo ocorreu nas construções que envolvem dois nomes de gênero musical:

(03) Pagonejo – "pagode com sertanejo" ou "sertanejo com pagode"

[9] Para Fauconnier & Sweetser (1996, p. 149-191), uma mesclagem (*blending*) é um processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais (*input* 1 e 2) para projetar sentidos em um terceiro espaço, o *espaço mescla.*

Funknejo – "funk com sertanejo" ou "sertanejo com funk"

Rapnejo – "rap com sertanejo" ou "sertanejo com rap"

Apesar dessas distinções, quanto à focalização dos itens no *frame* de "música sertaneja", entendemos que a significação das construções no contexto determinará o foco dentro da cena. Assim, distinguimos quatro grupos focais, segundo o contexto discursivo apresentado no *corpus*:

EVENTO/LOCAL	AVALIATIVO	PESSOAL	ESTILO MUSICAL
Domingonejo	urbananeja	paulistanejo	pagodenejo/pagonejo
Baladaneja/Bala-	boyneja	loiraneja	baiãonejo
[neja	viadoneja	lindaneja	axenejo
Micanejo/Micare-	gayneja		rastapénejo
[neja	breganeja		xotenejo
Pagodenejo/Pago-	putaneja		baladanejo
[nejo/Pagoneja	meganeja		funknejo
Serestaneja	bundaneja		micanejo
Rocknejo	chatonejo		rockneja
Terçanejo	bombanejo		pancanejo
Sextanejo			penpancadãonejo
Sabanejo			breganejo
Quartaneja			forroneja
Funkneja			vaneirãoneja (vanerão)
Medneja			putanejo
Raveneja			marombanejo
Rock Neja Night			baianejo
Friday Night Neja			gauchonejo
Folianeja/[Folia-			rapnejo
[nejo			hardnejo
Loucaneja			trashnejo
Gospelneja			heavynejo
Sexoneja			emonejo
Sabadão Putanejo			bandanejo
			arrochanejo/arrochaneja
			gospelnejo
			bombanejo
			peganejo
			bundanejo

5. Algumas considerações

Nosso objetivo, neste trabalho, foi verificar o comportamento do formativo *-nejo*(a) em construções atuais, como "funknejo", "loira-

neja" e "quartanejo", trazendo um pouco de esclarecimento quanto ao seu estatuto morfológico na língua. Aplicando a noção de *splinter*, conseguimos mostrar em que aspectos essa partícula se assemelha a um radical e em que sentido se aproxima de um sufixo. Sem dúvida alguma, *-nejo* se coloca como elemento que participa de formações híbridas, a meio do caminho entre a composição e a derivação.

Por meio da morfologia construcional, procuramos mostrar que uso criativo da linguagem de modo algum é arbitrário; pelo contrário, o falante faz uso de esquemas que procuram descrever a integração dos pólos formal e semântico formações lexicais. O *splinter -nejo*, ao contrário do sufixo *-ejo*, está se tornando bastante produtivo, mantendo a ativação do *frame* de "música sertaneja" nas novas construções, mas focalizando eventos, locais, pessoas, avaliações pessoais e ritmos em cada um dos contextos em que é instanciado.

Nessa nossa "história da palavra sertanejo", parafraseando uma das principais obras de Ângela Vaz Leão, procuramos, como ela, abordar problemas do léxico, como arcaísmos, neologismos, mistura de popular e erudito e etimologia, temas tão caros nesse livro felizmente reeditado.